



Adriana Matte
Ariana Atanzio
Aurora Caballero
Dayana Leal
Inara Marchi
Luana Cruz
Lucas Figuerêdo
Maycon Albuquerque
Mônica Ramalho
Noberta Doia
Renata Lima
Rieg Rodig
Yuri S. Rapkiewicz
(Orgs.)

CATÁLOGO

EXPOSIÇÃO

CORPO GRAFIA

CORPO GRAFIA

CORPO

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

E96 Exposição Corpo-Grafia : catálogo [recurso eletrônico] /
Organização: Adriana Matte ... [et al.]. - João Pessoa:
Editora do CCTA, 2024.

Recurso digital (11,6 MB)

Formato: ePDF

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN: 978-65-5621-440-5

1. Artes Visuais - Exposição. 3. Arte - Curadoria.
3. Arte Contemporânea. I. Matte, Adriana.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 7(083.824)

Elaborada por: Susiquine R. Silva - CRB 15/653

CORPO
GRAFIA

SUMÁRIO

CORPO-GRAFIA	03
DA DISCIPLINA	08
DAS OBRAS	20
DOS ARTISTAS	35
DA CURADORIA & EXPOGRAFIA	50
DOS CURADORES	58
FICHA TÉCNICA	69
REFERÊNCIAS	70



CORPO-GRAFIA

Como fruto da disciplina “Arte, Práticas Curatoriais e Acervos”, do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE), ministrada pelos professores Dr. Robson Xavier, Dra. Teresinha Vilela e Dr. Edson Macalini, esta exposição convida à reflexão sobre expressões, memórias e narrativas do corpo, por meio de fragmentos, performances e transfigurações.

Assim, visibilizamos o corpo em suas representações artísticas, enquanto veículos poéticos de expressão e sensorialidade, território vivo e sensível, em constante metamorfose e ressignificação. Destacando a carne frágil e mortal, capaz de expressar a resiliência e a profundidade da alma humana - manifestamos a dualidade entre vulnerabilidade e força ao extrapolar materialidades.

Em “Corpo-Grafia”, somos convidados à imersão e ao silêncio, ao observar essas grafias simbólicas e ouvir as vozes profundas dos corpos presentes, podendo apreciar as interrelações entre carne e alma, destacando formas, gestos corporais e múltiplas expressividades. Logo, organizamos essa mostra coletiva reunindo obras de diferentes linguagens, como pinturas, fotografias, fotos performances e artes digitais, apresentando produções artísticas locais em diálogo com algumas peças de acervo da Pinacoteca da Universidade Federal da Paraíba.

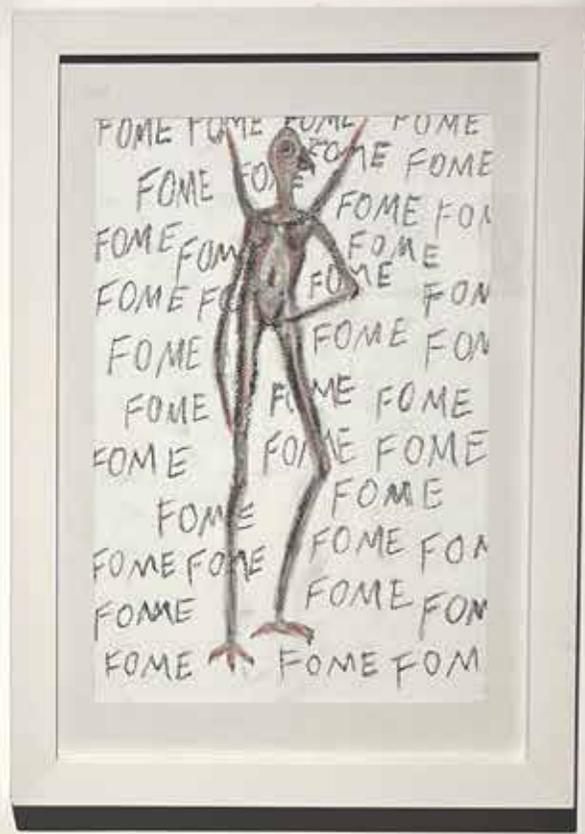
Maycon Albuquerque
Renata Lima
Yuri Schönardie Rapkiewicz











CORRIDA GRAFIA

CORRIDA



DA
DISCIPLINA

ENTRE CORPOS E GRAFIAS POÉTICAS

A exposição Corpo-Grafia apresentada em julho de 2024 na Galeria Lavandeira localizada na Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, possui como característica em sua concepção o exercício do pensar curatorial através do olhar sobre o acervo dos artistas que fizeram parte da exposição, pois ela nasce como resultado das atividades, investigações, reflexões e debates que foram desenvolvidos na disciplina Arte, Práticas Curatoriais e Acervos oferecida no primeiro semestre de 2024, no âmbito do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV/UFPB/UFPE) e ministrada pelos professores Dr. Robson Xavier da Costa (UFPB), Dra. Teresinha Vilela (UFPB) e Dr. Edson Macalini (UNISVASF).

Em Arte, Práticas Curatoriais e Acervos foram realizados estudos sobre diferentes abordagens de curadoria e casos específicos em relação ao papel dos acervos e das políticas de preservação de obras de arte contemporâneas. Os objetivos específicos incluíram análise das definições do trabalho curatorial, a importância dos levantamentos junto aos acervos e o trabalho de campo, e a correlação das pesquisas em desenvolvimento no PPGAV UFPB/UFPE com o projeto conceitual das curadorias das exposições estudadas.

Ao longo da disciplina, a produção acadêmica e a subjetividade artística caminharam juntas. A arte, enquanto campo de conhecimento, não foi estudada, separada do método científico. Foi observada e analisada através da aplicação de instrumentos específicos para a compreensão da subjetividade e abstração que formam o imaginário artístico e suas representações da realidade. Essa expansão do pensamento científico reconhece a importância das Artes Visuais no âmbito acadêmico.



De forma prática, isso foi comprovado na disciplina por meio da metodologia de ensino aplicada pelos professores que possuía um caráter dinâmico, incluindo a consulta de textos e vídeos, oferecimento de aulas expositivas com discussões, debates com convidados, visitas técnicas e a realização do projeto de prática curatorial, que culminou na organização da exposição presencial e editoração deste catálogo. A ementa da disciplina contemplou temas como as concepções de práticas curatoriais e arquivísticas, as lógicas de organização e difusão de acervos, e a relação entre arte, memória e discurso. Além disso, abordou os desafios e estratégias de conservação e catalogação de obras de arte contemporânea, a diversidade midiática e o corpo como arquivo.

A estrutura da disciplina foi dividida em três unidades: A primeira delas foi ministrada pelo Dr. Robson Xavier que enfocou a história da curadoria e as práticas curatoriais, abordando tópicos como o sistema de arte, a curadoria como área de conhecimento, a diversidade de práticas curatoriais, a história das exposições, os documentos de registro de exposições e as expografias (Hans Ulrich Obrist, 2010; Maria Amélia Bulhões et al., 2014; Alexandre Dias Ramos, 2010; Guilherme Altimayer, 2020; Francielly Rocha Dossin; Marcelo Oliveira, 2017). Foi também nessa unidade, através da orientação do professor Robson, que foi feita a primeira prática do pensar curatorial através da identificação de um tema comum nas produções artísticas de todas as pessoas na disciplina, exercitando o olhar sobre as obras e o diálogo com o objetivo curatorial que definiria a exposição que seria apresentada.

Nesse trabalho de investigação foi percebido o corpo como elemento presente em todas as produções artísticas analisadas. O corpo enquanto espaço, veículo, lugar de representação do ser, do vir a ser e para além do humano. Matéria que reproduz o imaginário social, não se limitando aos seus contornos, pulsando em movimento transcendente, transfigurativo, em caminho transgressor que fomenta compreensões dissidentes.

Após o elemento corpo ter sido identificado nas investigações entre os acervos artísticos apresentados para a disciplina, passamos para a segunda unidade, ministrada pelo Dr. Edson Macalini, que abordou curatorias e acervos, discutindo a coleta e o arquivamento, as arqueologias e memórias, e os gestos e dispositivos (Jacques Derrida, 2002; Ana Maria Guasch, 2011; Michel Foucault, 1969; Cecília Almeida Sales, 2012; César Aira, 2007). Através de sua orientação, foi continuado o exercício do pensar sobre o processo criativo, as palavras-chave que alinham a subjetividade individual e a narrativa que se desenvolve por meio do alinhamento dessa subjetividade em expressão artística, fazendo com que a compreensão sobre exercício curatorial sensível reverberasse nas dimensões sutis e profundas relacionadas a proposta expositiva que estava sendo desenvolvida.

A terceira unidade, ministrada pela Dra. Teresinha Vilela, tratou da mediação cultural e das práticas curatoriais, explorando a mediação cultural e a curadoria educativa, a curadoria compartilhada e a ação educativa (Giovane Diniz; Celina Figueiredo Lage, 2021; Ana Mae Barbosa, 2008; André Luis Castilho Pitol, 2023; Tomaral, 2020). A partir daqui, sob a orientação da professora Teresinha e do professor Robson, foi revisto coletivamente, as obras que fariam parte da exposição, a expografia e as indicações de título até ser definido *Corpo-Grafia*. Contamos também, com o auxílio do professor Edson nos ajustes em relação à expografia no dia da montagem da exposição na Galeria Lavandeira.

As visitas técnicas incluíram diferentes espaços culturais em João Pessoa e Recife. Em João Pessoa, a primeira visita foi à Pinacoteca da UFPB, onde os discentes escolheram algumas das peças de acervo para compor a exposição final da disciplina. Ainda na UFPB, em um outro momento, visitamos a Galeria Lavandeira que estava exibindo a Exposição Coletiva “Horizontes de Afeto” com curadoria coletiva de Ana Cláudia Araújo, Lucas Henrique, Robson Xavier, Thierry Marques. “A exposição tinha como proposta “a criação de ‘paisagens imaginárias’ que refletissem os ‘afetos’”, representadas nas obras das pessoas/artistas com deficiência que participaram da exposição e utilizaram técnicas de pintura acrílica e modelagem que foram produzidas nos Grupos de Trabalho da Associação Ame Down Paraíba e Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha (ICPAC) vinculados ao Projeto Artes Visuais e Inclusão.

**EXPOSIÇÃO
HORIZONTES DE AFETOS**



**14 DE
MARÇO**
19:00h, Galeria Lavandeira

Abertura: 14 de Março
Finalização: 12 de Abril
Local: Galeria Lavandeira, CCTA, UFPB
Localizada por trás do Cine Aruanda e
ao lado da Secretaria Integrada de
Atendimento à Graduação - SIAG





Durante a 22ª Semana Nacional de Museu, a programação incluiu a Roda de Conversa “Museus, Educação e Pesquisa”, mediada pelos por Teresinha Vilela e Robson Xavier, realizada no Museu Casa de Cultura Hermano José. Além da Roda de Conversa, houve a visita guiada apresentando a vida e a obra de Hermano José através do seu acervo e o lançamento de duas novas exposições - “Tempus”, do Coletivo Brincantes de Imagens, e “Papietagem”, de Chico Viola, com a Curadoria de Ricardo Peixoto - e do livro “Sítio Arqueológico Lagoa do Caju” de autoria da escritora e cordelista Silvinha França.

mcchj



As visitas seguiram para a Galeria Alexandre Filho, localizada na Usina Cultural Energisa, que estava em temporada com a exposição individual, 'Em Nome do Pai', do artista e professor Dr. Robson Xavier. A exposição constituiu "um projeto de instalação/performance que objetivou colocar em diálogo imagens que refletem suas memórias e relações com seu Pai, abordando masculinidades em conflito"

MINISTÉRIO DA CULTURA, ENERGISA E ATUA COMUNICAÇÃO CRIATIVA APRESENTAM:

25/05 A 23 DE JUNHO, 9H ÀS 20H

Galeria Alexandre Filho * Evento Gratuito

ROBSON XAVIER
'Em nome do Pai'

EXPOSIÇÃO

Produção: atua | Apoio: energisa | Patrocínio Especial: energisa | Patrocínio: Banco do Nordeste | Parceiros: [Logos] | Realização: [Logos]





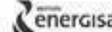
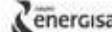

 Administração da Cultura
 Apresentação

CELENE SITÔNIO

– ARTE E MODA

Vernissage:
31 maio 2024, 19h-22h

Usina Cultural Energisa
 Rua João Bernardo de Albuquerque, 243
 Tambiá - João Pessoa/PB

Produção:  Lei de Incentivo à Cultura
 Apoio:  ZOU4
 Patrocínio:  Energisa
 Realização:  Energisa
 GOVERNO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA CULTURA
 BRASIL
 UNIÃO & RECONSTRUÇÃO

Nesta mesma ocasião, visitamos a exposição “Arte e Moda” da multiartista Celene Sitônio, que também ocorreu na ambiência das galerias da Usina Cultural Energisa. Nesta exposição, a concepção curatorial apresentou uma amostra de seu trabalho multidisciplinar na área de design de moda e jóias, bem como suas explorações artísticas na área de artes visuais, exemplificando o caráter múltiplo da artista, designer e modista.

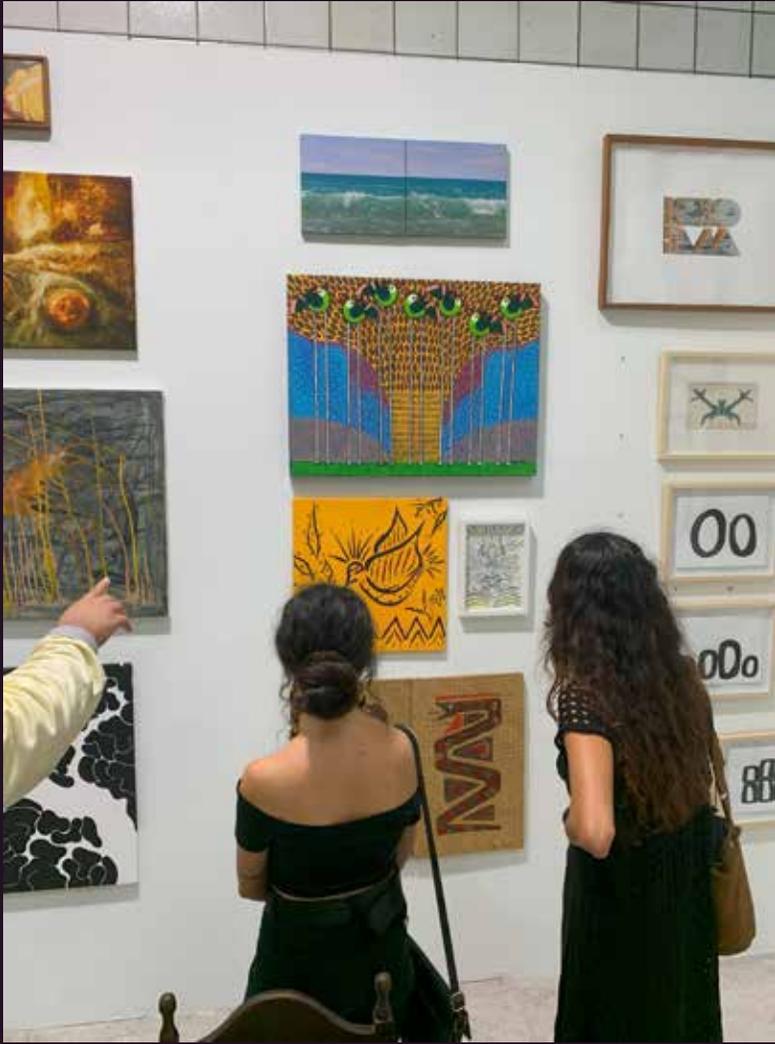
Em Recife, tivemos a oportunidade de visitar o Museu do Estado de Pernambuco, com a exposição permanente do espaço e a exposição temporária em comemoração aos 80 anos do artista João Câmara. Entre recentes e inéditas pinturas a óleo sobre tela, a exposição também reuniu inúmeras pinturas digitais em grande formato que vinham sendo desenvolvidas pelo artista ao longo de uma década. A curadoria da mostra é de Weydson Barros Leal e a produção é de Vera Magalhães e Beth Marinho. “As obras digitais são originais que foram pintadas pelo artista com programas de pintura eletrônica e processadas fisicamente em tela com tintas de pigmento.”

Ainda em Recife visitamos a exposição individual “Da rua, Correntezas” de Guto Oca, na Arte Plural Galeria, apreciando as obras do artista confeccionadas a partir de madeiras e outros materiais descartados. Também prestigiamos a feira Art’PE, onde foi possível observar os acervos de diferentes artistas contemporâneos que são representados pelas galerias com stands presentes no evento, demonstrando o diálogo e alinhamento entre arte, público e consumo. Esta excursão ofereceu recursos teóricos e práticos que exemplificavam diversos modelos de curadoria e mediação expositiva, bem vindos à nossa formação.





DA DISCIPLINA





A participação ativa, assiduidade e compromisso de todos/as/es discentes foi essencial durante o curso, ao longo das aulas e seminários temáticos, estimulando o senso colaborativo e o posicionamento crítico e responsável sobre os conteúdos abordados e trabalho em equipe praticado, que culminou na organização da exposição coletiva intitulada “Corpo-Grafia”. Sendo assim, a exposição em sua origem no âmbito acadêmico é a expressão coletiva artística do exercício curatorial que traduz imagetivamente o diálogo entre método científico, criatividade e subjetividade.

A realização desta exposição e todo o processo formativo proporcionado pela disciplina são testemunhos do compromisso da universidade pública federal em promover as artes visuais na região Nordeste e oferecer experiências culturais enriquecedoras para os estudantes e comunidade/público em geral. Através de uma formação que alia teoria e prática, a disciplina demonstrou como a universidade pode ser um espaço vital para a criação e difusão da cultura, destacando a importância de um ensino público e de qualidade para o desenvolvimento das artes visuais no Nordeste. Esta disciplina, portanto, capacitou os alunos com conhecimentos e habilidades essenciais no campo da curadoria, reafirmando o papel crucial das instituições públicas de ensino superior na promoção e valorização das artes visuais, contribuindo para o fortalecimento do cenário artístico e cultural local.

Lucas Figuerêdo
Mônica Ramalho
Yuri Schönardie Rapkiewicz

CORRETOGRAFIA



DAS
OBRAS



“

Esta obra pertence à série PERRO, constituída por pinturas, esculturas e videoarte. Foram processos concomitantes, nos quais os trabalhos se cruzavam através das diferentes linguagens. Embora não pertençam a narrativas pré estabelecidas, as figuras retratadas hibridizam formas de humano e cão, aproximando esses dois animais para tratar de temas que, ao mesmo tempo, transitam entre o que há de comum e particular à experiência do bicho humano: morte, aborto, luto, solidão e outros mistérios.”

- Aurora Caballero

Aurora Caballero
Série “Perro”

Acrílica sobre tela
84 x 68cm

2018

Acervo da Pinacoteca da UFPB
Doação da artista



“

Eu gosto muito daquele trabalho. Sei que é pintura a óleo (hoje eu estou trabalhando com acrílico). Quanto ao título, acho que é "Decoração da mente", acho que na época eu pensava em colocar coisas, não só nas salas das pessoas, mas também em outras 'áreas'.”

- Chico Dantas

Chico Dantas

Sem Título

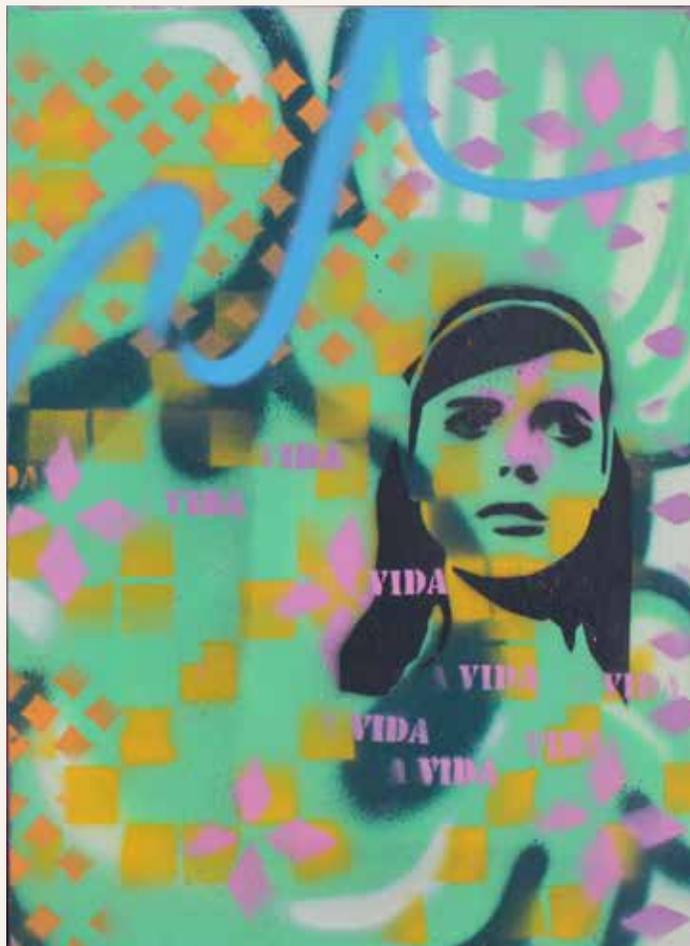
Óleo sobre tela

45,5 x 45,5cm

1984

Acervo da Pinacoteca da UFPB

Doação Gabriel Bechara Filho



“

A obra é um misto de duas fotografias, uma feita por mim que é o menino e a outra tirada de uma revista de fotonovela de uma coleção de revistas que herdei da minha avó. Uso spray e stencil para compor o fundo e transformei digitalmente a foto pra chegar no resultado onde eu pudesse cortar o stencil.”

- Cybele Dantas

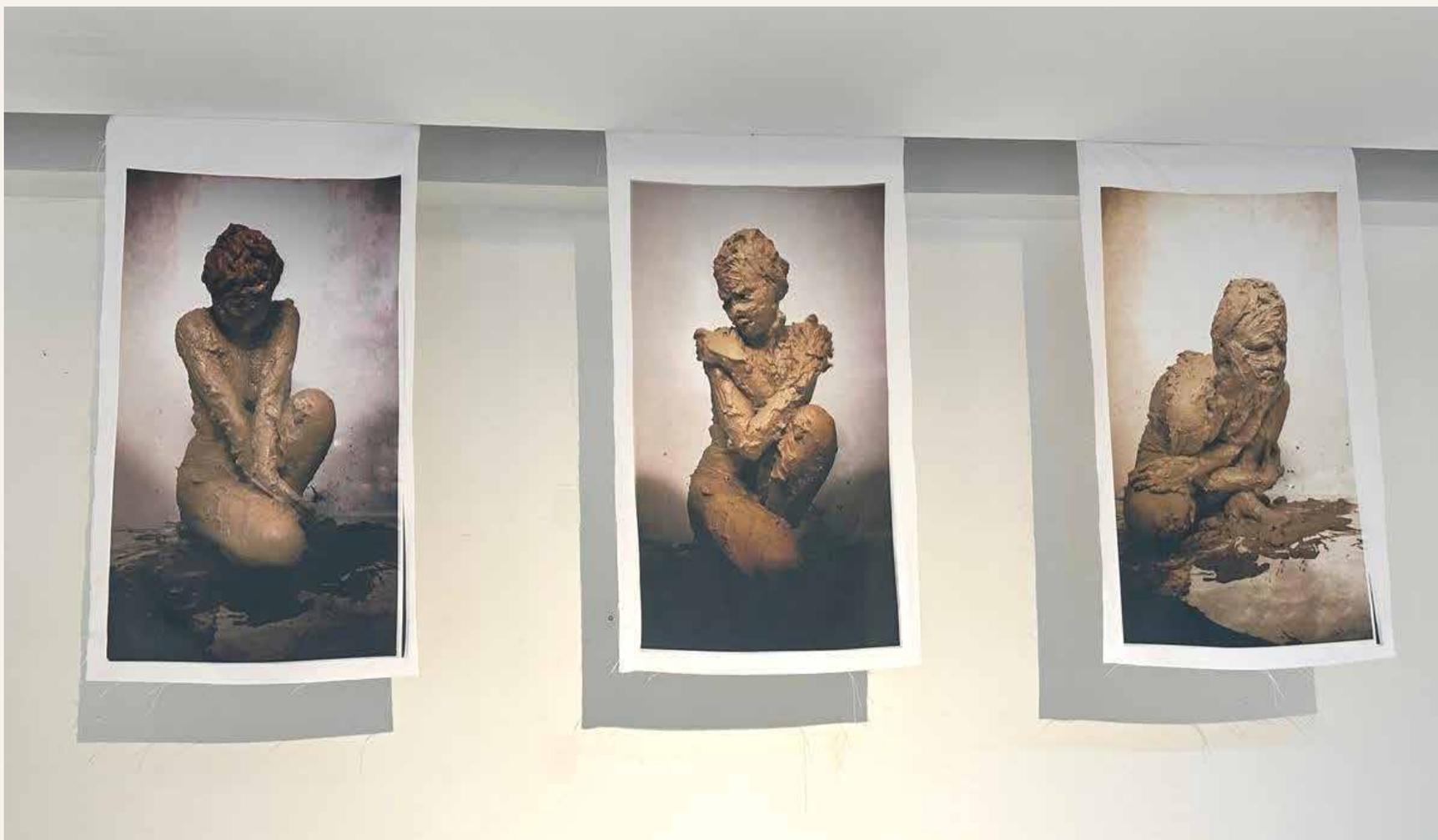
Cybele Dantas
Fotografias Recortadas
 Díptico
 Spray e estêncil sobre tela
 131 x 100cm
 2013
 Acervo da Pinacoteca da UFPB
 Doação do artista



“
A obra traz meu primeiro movimento de ousadia.
Movimentos fechados, ainda demonstrando uma certa
prisão e até uma dor, expressando meu desejo por
libertação.”

- Dayana Leal

Dayana Leal
Série Moldando a Alma
Fotografia
Dimensões Variadas
2023
Acervo da Artista



Dayana Leal
Série Moldando a Alma - Instalação
Triptico
Impressão sobre tecido
80 x 45cm
2023
Acervo da Artista



“ É um retrato de uma sensação de despersonalização. Ao tempo em que o rosto parece não ter forma e querer se desfazer, o contraste com o olhar forte de quem quer existir e, ingenuamente, parece saber quem se é.

- Luana Cruz

Luana Cruz
Vazio
Ilustração Digital
21 x 29,7cm
2024
Acervo da Artista



“

"Crisálida" explora o luto e a transformação pessoal a partir da perda da minha mãe devido ao Alzheimer. A instalação e fotoperformance, originadas de uma vídeoperformance e de uma série de fotoperformance desenvolvida em 2023, reflete sobre a fragilidade da vida, o ser, o existir e a necessidade de viver plenamente no presente. O processo de cuidar de minha mãe expôs a transitoriedade das certezas. Seu falecimento recente (2022) e a morte do meu pai, anos atrás, são evidências da nossa impermanência. "Crisálida" emerge como uma resposta a essas perdas, evocando a aceitação e o acolhimento dos nossos processos internos. A importância de estar presente para nós mesmos e para aqueles que amamos. Oferece um espaço de introspecção e expressão pessoal, uma metáfora para a metamorfose que a vida nos impõe e a serenidade que pode ser alcançada na entrega ao processo. É um convite à reflexão sobre quem somos e como desejamos existir, reforçando que nossa existência se dá no tempo presente, vivendo de forma consciente no aqui e agora.

-Mônica Ramalho

Mônica Ramalho
Crisálida
Fotografia
Dimensões Variadas
2023
Acervo da Artista



Mônica Ramalho
Crisálida - Instalação
Fotografia
Dimensões Variadas
2023
Acervo da Artista

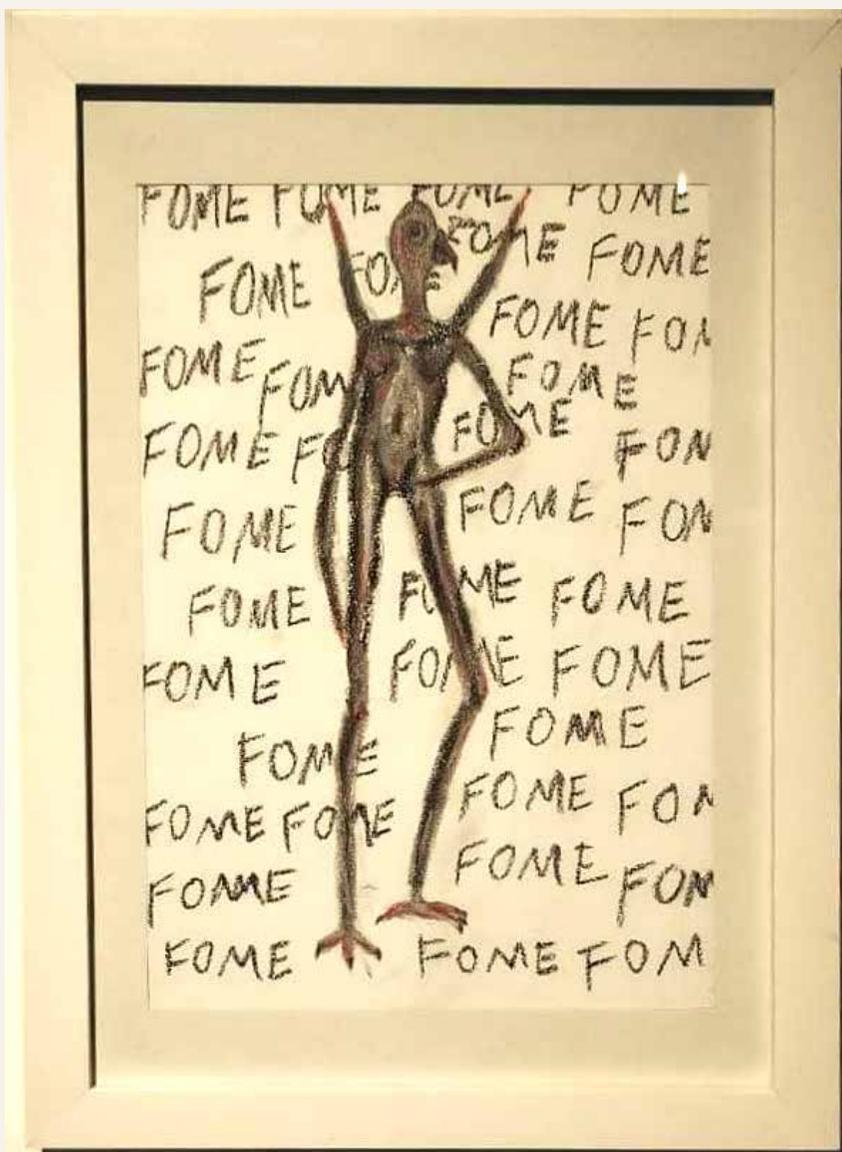


“

Estes últimos trabalhos que fiz para a exposição Corpo-Grafia, foi nessa pegada de coleta de informações pelas redes sociais, observei por um bom tempo as interações das pessoas pelas redes sociais, percebi o quanto elas sempre estão em busca de um padrão inalcançável e o quanto transmitem inveja, criticam as pessoas, nada nunca está bom ou é o suficiente (...)

- Noberta Doia

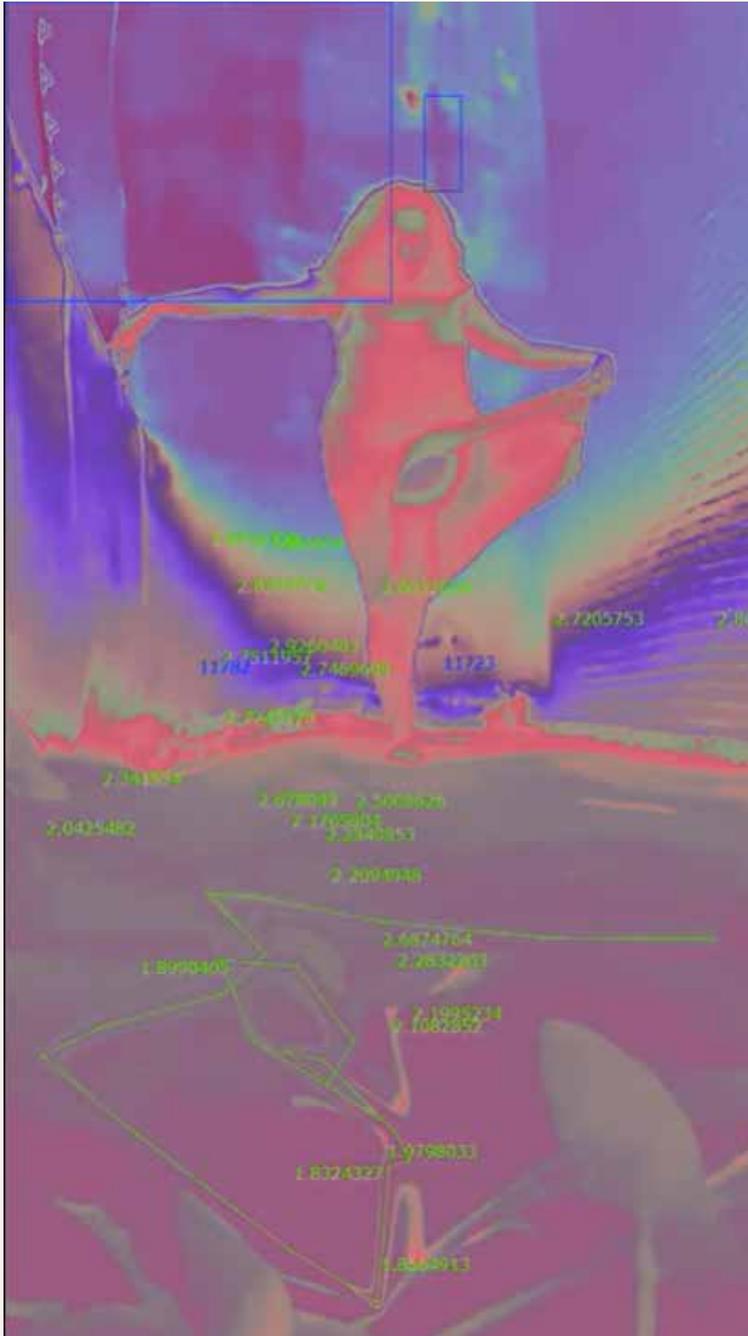
Noberta Doia
Declínio
Aquarela Digital
21 x 29,7cm
2024
Acervo da Artista



“ (...) Então criei as obras declínio e escassez que retratam como as pessoas estão corroídas pela inveja e quanto elas tem uma fome insaciável por se encaixar em um padrão inalcançável, ao mesmo tempo que criticam quem esta fazendo muitos procedimentos estéticos em busca deste padrão.”

- Noberta Doia

Noberta Doia
Escassez
Pastel oleoso sobre papel
21 x 29,7cm
2024
Acervo da Artista



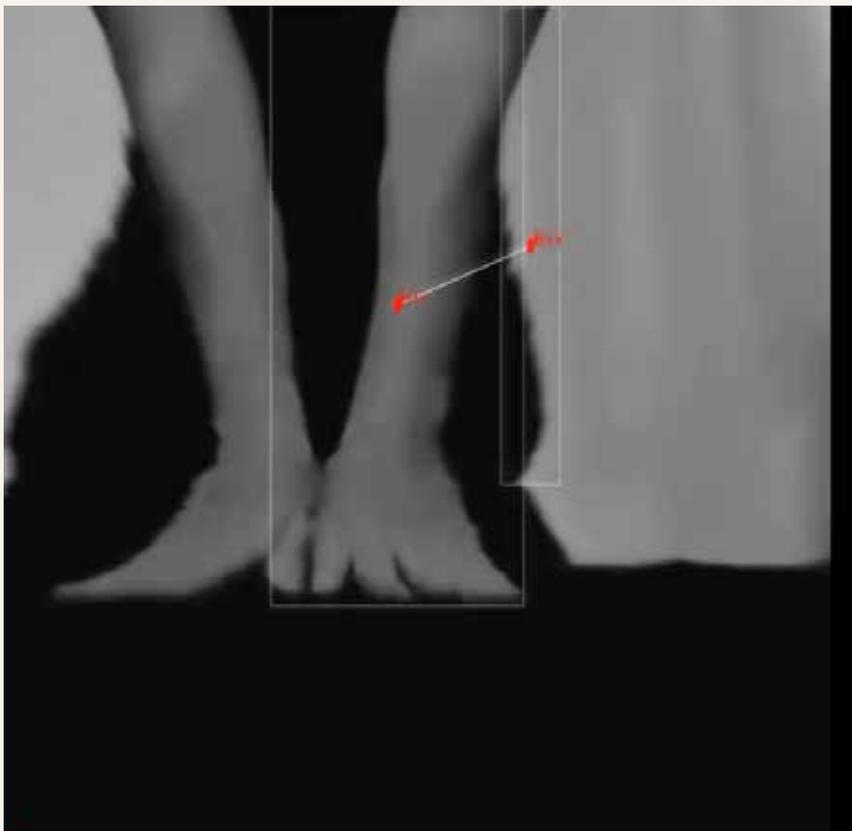
“

Minha obra exposta na exposição Corpo-Grafia faz parte de uma série baseada em vídeos da professora e educadora de dança contemporânea Joyce Barbosa. Utilizando TouchDesigner e Resolume, realizei intervenções que transformaram esses vídeos em composições visuais dinâmicas.

A série dialoga tanto entre as obras quanto com a trilha sonora original, criada com o sampler - o clássico SP-404. O som da trilha sonora influencia diretamente a posição do timeline dos vídeos: quanto mais intenso o som, mais a posição do vídeo muda, criando uma coreografia audiovisual sincronizada. Elementos visuais adicionais interagem com a dançarina, destacando como a tecnologia e a internet moldam nosso comportamento e percepção.(...)”

- Rieg Rodig

Rieg Rodig
Jardins Fragmentados
 Videoarte
 1080 x 1920px
 2024
 Acervo do Artista



“

(...) Os dados e coordenadas dos movimentos da dançarina são analisados e apresentados nas obras, refletindo a influência da tecnologia sobre o corpo humano. Elementos visuais são projetados para puxar e empurrar a dançarina, simbolizando a interação constante entre o corpo físico e o mundo digital. Essa abordagem destaca como a tecnologia pode moldar e alterar nossa percepção e comportamento.

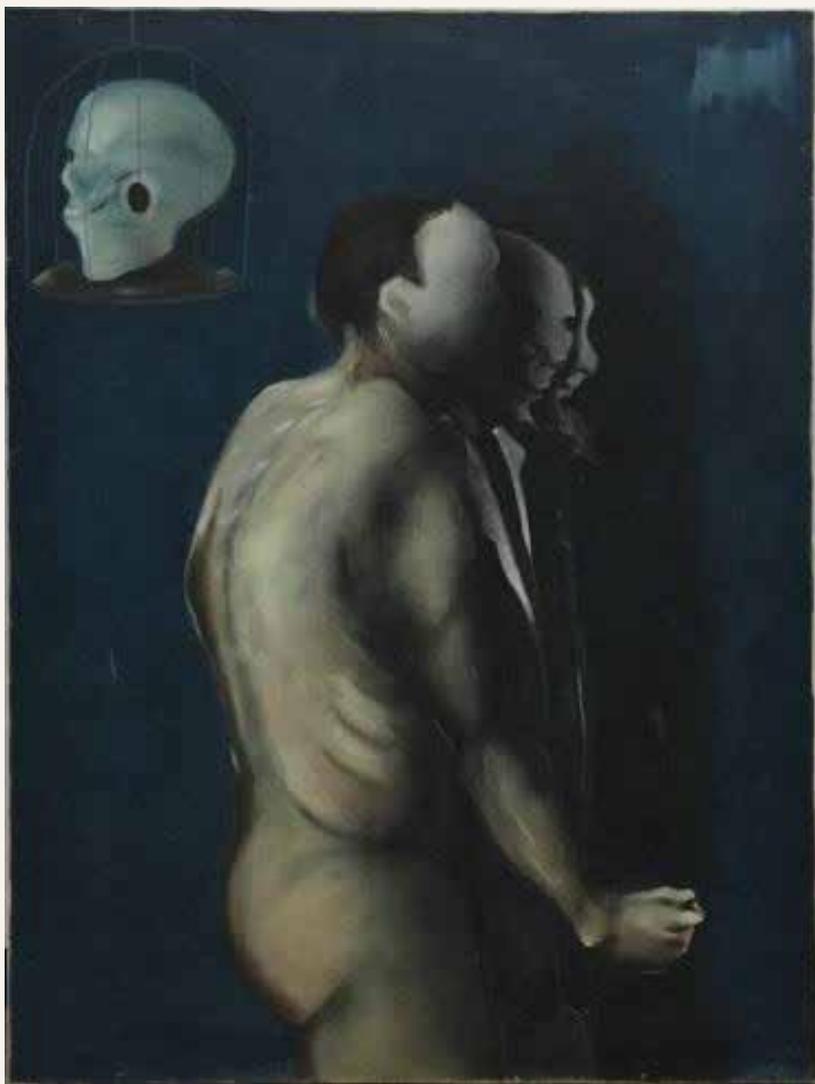
A série busca explorar e questionar a relação entre o corpo, a dança e a tecnologia, criando uma experiência imersiva e reflexiva para o espectador. Ao combinar a arte da dança com intervenções tecnológicas avançadas, a obra propõe uma nova forma de enxergar e entender o movimento, a música e o impacto da era digital em nossas vidas.”

- Rieg Rodig

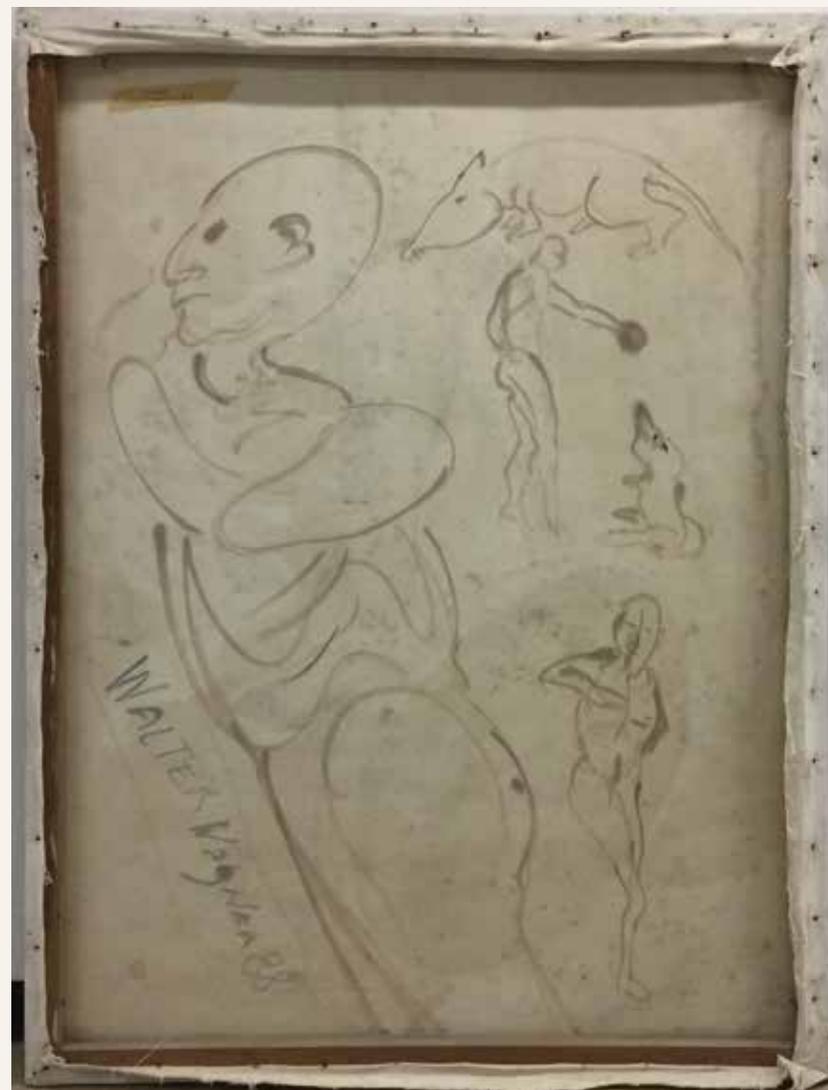
Rieg Rodig
Mãos Invisíveis
Videoarte
1080 x 1920px
2024
Acervo do Artista



Walter Wagner
América Latina
Díptico
Acrílico sobre tela
131 x 100cm
1988
Acervo da Pinacoteca da UFPB
Doação do artista



Walter Wagner
América Latina
Díptico
Acrílica sobre tela
131 x 100cm
1988



Walter Wagner
América Latina
Díptico (Verso)
Acrílica sobre tela
131 x 100cm
1988

CORPOGRAFIA

CORPO



DOS
ARTISTAS

AURORA CABALLERO

Aurora Caballero é uma artista de João Pessoa, bacharela em Artes Visuais pela UFPB e mestranda em Artes Visuais pelo PPGAV - UFPE. Utiliza diversas linguagens em sua produção de arte, como pintura, escultura, gravura e vídeo. Investiga a natureza articulando livremente suas formas, padrões e texturas, criando organismos híbridos, seres imaginários ou que ainda não foram observados pela ciência. A prática de colecionar, ilustrações científicas, hibridismos, sonhos e fabulações se atravessam e se complementam em suas investigações para pensar a subjetividade inerente a toda perspectiva de conhecimento e descrição do mundo.

Como começou a sua trajetória artística?

Durante a graduação em Artes Visuais, comecei a experimentar processos em pintura e gravura que se desenvolveram ao longo do tempo. Após um certo período como estudante de Artes, participei dos primeiros editais para exposições coletivas e comecei a me inserir no circuito de arte da Paraíba.

Fale sobre o seu processo criativo:

O que te inspira? Quais são as suas referências? Como ele acontece? Com quais materiais você já trabalhou e tem trabalhado agora?

As formas e texturas da natureza e suas possibilidades de articulação estética são tema para meus processos de criação. Além disso, as relações entre natureza, arte e ciência instauram a discussão conceitual na qual está inserido meu trabalho em arte. Utilizo a caminhada errante e as atividades de coleta e coleção de elementos orgânicos como práticas geradoras da poética que desenvolvo através da pintura, gravura, impressão gyotaku, esculturas e vídeos.

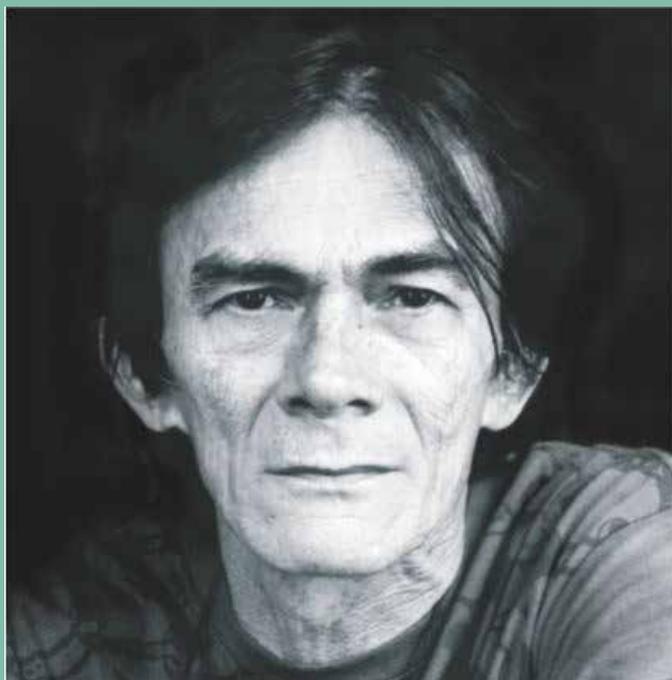
O que você percebe que foi transformado na sua trajetória artística até agora?

As técnicas com as quais pude experimentar e desenvolver meu trabalho ao longo dos anos me possibilitaram uma reflexão mais ampla sobre os assuntos e referências essenciais aos meus processos criativos. Observar a natureza, seus ciclos e movimentos, bem como pensar as várias formas de conhecer e descrever o cosmo, são temas que orbitam minhas práticas e através dos quais pude desenvolver os vários caminhos e linguagens experimentados. Desse modo, os processos de criação se desenvolveram em práticas mais conscientes de seus assuntos geradores.



CHICO DANTAS

Nascido em Santa Luzia e Radicado em João Pessoa desde 1964, Chico Dantas é um artista plástico e tem obras expostas em acervos público e privado de vários estados do Brasil e alguns países estrangeiros. Chico Dantas estudou Pedagogia e Educação Artística na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Foi presidente da Associação dos Artistas Plásticos Profissionais da Paraíba (1983-85), e durante sua trajetória também dirigiu a Galeria de Arte Archidy Picado na Fundação Espaço Cultural da Paraíba, em João Pessoa, por 5 anos, no mesmo período em que ministrou cursos de pintura e desenho.



Como começou a sua trajetória artística?

Vim morar e estudar em João Pessoa em 1964, mas comecei a participar de exposições coletivas em 1978, no mesmo ano em que ganhei o prêmio de pintura no salão Arte Universidade, promovido pela UFPB. Depois seguiram-se inúmeras coletivas e individuais.

Fale sobre o seu processo criativo:

O que te inspira? Quais são as suas referências? Como ele acontece? Com quais materiais você já trabalhou e tem trabalhado agora?

Veja, são muitas coisas ao longo do tempo. Mas vou colocar uma coisa para você: Minha pintura, e também o desenho, sempre foram figurativos. Isso tem sido o meu "assunto" permanente. As minhas figuras não são colocadas em um plano mais próximo do observador, o que gera um segundo plano, ou plano de fundo, inútil, como é bem comum na pintura figurativa. As minhas figuras ou personagens, estão (pretende-se) numa situação de mistura com o ambiente (ambiente da pintura); existe uma atmosfera que ocorre em conjunto com os personagens. A minha intenção sempre foi excluir aquele efeito "medalhão", em que a figura aparece na frente de um fundo muitas vezes inútil. Mas existem outros aspectos que desdobram-se com o tempo, e em várias direções.

O que você percebe que foi transformado na sua trajetória artística até agora?

Eu diversifiquei minha produção em direções diversas. Sempre procurei conduzir o desenho como produção principal, junto com a pintura. Ministrei cursos de pintura e desenho em várias ocasiões, mas também trabalho com fotografia e vídeo, áreas em que já participei de coletivas e também obtive prêmios.

CYBELE DANTAS

Cybele Dantas é uma artista plástica, grafiteira, fotógrafa e arte-educadora em Oficinas de Grafite e Artes Visuais, atuando principalmente na cidade de João Pessoa -PB desde os anos 2000. Cybele é filha de artistas plásticos e sempre se envolveu com as artes. Em 2005, a artista fez seu primeiro trabalho com grafite, atuando em exposições e intervenções Urbanas. Sua série "Fotografias Recortadas" faz uso de estêncil, spray e fotografias sobre suportes diversos.



Como começou a sua trajetória artística?

Comecei no movimento hip hop, a convite de uns amigos fiz meu primeiro graffiti no centro de João Pessoa.

Fale sobre o seu processo criativo:

O que te inspira? Quais são as suas referências? Como ele acontece? Com quais materiais você já trabalhou e tem trabalhado agora?

Os meus caminhos, a música que escuto, as pessoas que convivo, minhas raízes sertanejas são nesse momento fonte de inspiração. Mas meu repertório é formado por uma salada de estilos e pesquisas. Busco referências para criar e compor e vou seguindo o que me agrada visualmente. Na minha pintura uso spray e stencil, tinta acrílica. Suportes variados e materiais como canetões pigmentos. Pincéis e rolos também.

O que você percebe que foi transformado na sua trajetória artística até agora?

A parte mais expressiva na transformação foram os experimentos de estilos e temáticas usadas na pintura.

DAYANA LEAL

Dayana Leal é ceramista há 12 anos e suas peças procuram trazer uma poética mística e espiritual. Sua técnica é principalmente a modelagem manual de peças figurativas, com queima biscoito. O que trás um aspecto natural e artesanal as obras. Como membro do Programa do Artesanato Paraibano, Dayana já participou de diversas feiras artesanais, levando um pouco da produção regional para outros estados. Sua última participação foi na ExporMinas em 2023.



Como começou a sua trajetória artística?

Em 2011 tomei a decisão de voltar para meu estado, Paraíba. Estava morando em Brasília nessa época. Meu retorno trouxe muitos movimentos e o primeiro dele foi a insatisfação do curso universitário que havia feito. Me formei em economia pela UnB e ao chegar em João Pessoa pensei em fazer o que sempre tive vontade, mas nunca tive coragem e me matriculei nos curso de arte do CEARTE – Centre Estadual de Arte. Me identifiquei e desde então não parei mais.

Fale sobre o seu processo criativo:

O que te inspira? Quais são as suas referências? Como ele acontece? Com quais materiais você já trabalhou e tem trabalhado agora?

Acredito que ainda com um pensamento econômico muito forte, entrei nas arte já procurando forma de ganhar dinheiro. Fiz diversos tipos de arte até encontrar aquilo que eu tivesse mais facilidade e já pudesse gerar recursos financeiros. Foi com a argila que tudo se tornou possível. Logo as peças puderam ser comercializadas e assim já fui fazendo meus primeiros retornos monetário. No entanto, a espiritualidade sempre me chamou atenção, então minhas peças acabavam saindo com esse vies. Me inspirava no budismo, na alegria da vida simples e na busca pelo auto-conhecimento. Comecei a brincar com as cores e hoje introduzo nas peças elementos como argila coloridas, pedras e até pintura acrílica. Atualmente tenho procurado técnicas que possibilite melhor acabamento, inspirada nos artesão local.

DAYANA LEAL

O que você percebe que foi transformado na sua trajetória artística até agora?

Em 2023 senti uma grande insatisfação no que estava fazendo. Não sentia ser arte e uma certa pobreza de expressão, mas não tinha estudado nada do que poderia ser arte, seu conceito e formas. Procurei me aprofundar nas definições e visões artísticas, como forma de me identificar. Resolvi voltar para o mundo acadêmico e me tornei aluna especial do mestrado na UFPB e tudo começou. Novas formas de ver a arte e novas linguagens foram surgindo. Percebi que a arte é uma construção contínua e indefinível. Resolvi ousar outras formas com o uso da argila, me cobrindo com ela e me expressando livremente dentro dessa nova perspectiva. Percebi algumas prisões onde a persistência é a chave para saída.



LUANA CRUZ

Luana Cruz é uma multiartista pernambucana, natural da cidade do Recife. Aos 27 anos, desenvolve suas investigações a partir de sonhos, emoções, inquietações e devaneios do inconsciente. Vinda da ciência, onde atuou como pesquisadora, desenvolve seu estudo através de experimentações, utilizando uma ampla variedade de materiais, se interessa pelo diálogo que sua criação estabelece com a matéria. Recebe influência das expressões culturais regionais e periféricas do lugar de onde veio, aborda traumas e sonhos, refletindo sua identidade como mulher LGBTQIAPN+ dentro de um contexto social, econômico e político.

Como começou a sua trajetória artística?

A arte sempre esteve presente de uma forma ou de outra, mas de forma consciente eu comecei a produzir temas do meu interesse nos últimos 1-2 anos, a partir de uma mudança interna, que se reverberou em pequenas atitudes, que me possibilitaram acessar esse mundo que até então eu entendia como indisponível para mim. Comecei estudando dança, fazendo aulas e fazendo desenhos, como meio de expressão do inconsciente, de forma autônoma e independente.

Fale sobre o seu processo criativo:

O que te inspira? Quais são as suas referências? Como ele acontece? Com quais materiais você já trabalhou e tem trabalhado agora?

Meus sonhos, emoções, sensações e devaneios do inconsciente, subjetividades que entendo para além da 'experiência individual', mas que nos atravessam por serem vivências humanas. Tenho a intenção de experimentar com a maior variedades de materiais que estiver ao meu alcance, pois me interessa pelo diálogo das

potencialidades e limitações da matéria no processo de criação. Até o presente momento já tive a oportunidade de experimentar criações com o corpo, através da dança e performance, desenho com lápis, carvão e canetas, ilustração digital, acrílica sobre tela, gravura, impressão em tecido, máscara, modelagem de argila criando peças em cerâmica e também utilizei da gravação e edição para criação.



LUANA CRUZ

O que você percebe que foi transformado na sua trajetória artística até agora?

Entendendo a transformação como 'mudar de forma' sinto que meu trabalho é, e pretendo continuar sendo, uma constante transformação tendo em vista minha inclinação para o experimento. Entretanto, entendendo a transformação como 'converter, trocar' digo que é muito cedo, considerando que ainda vivo muitas primeiras vezes, tenho muitas curiosidades e materiais para experimentar. Vejo meu horizonte como um campo aberto com múltiplas possibilidades e meu atual desejo é de experimentar tudo que for possível.



MÔNICA RAMALHO

Mônica Ramalho é artista, mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGS-UFPB) e bacharela em Ciências Sociais pela mesma instituição. Atualmente é aluna especial no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV-UFPB/UFPE). Natural do Rio de Janeiro, mudou-se para João Pessoa na adolescência e morou na Inglaterra entre 1999 a 2001. Transições geográficas e diferenças culturais que influenciaram e aprofundaram um olhar sobre o estar no mundo.

Sua produção artística expressa reflexões e inquietações em relação a natureza transiente da realidade e complexidades inerentes ao ser e ao existir, abordando temas como dor, morte, luto, vida e contemplação. Trabalha com diferentes linguagens que incluem fotografia, performance e vídeo. Em suas obras emerge a confluência de suas experiências pessoais e dinâmicas relacionais, em diálogo sobre resignificação, prazer e desejo. Processos existenciais e sociais que se entrelaçam, em investigações e questionamentos sobre si e a condição humana.

Como começou a sua trajetória artística?

Desde a minha infância no Rio de Janeiro fui mergulhada numa atmosfera musical pela minha mãe e meu pai. Nos fins de semana, meus pais tocavam violão e cantavam nas reuniões com os amigos. Cresci ouvindo Vinícius de Moraes, Toquinho, Tom Jobim, João Gilberto, Chico Buarque entre outros artistas brasileiros. A música fez parte de nossa vida. Em 1987, aos 8 anos, na Escola de Música da UFRJ que frequentei na Lapa, tive aulas de violão clássico e teoria musical, carregando meu Giannini pequenininho. Também nessa época tinha aulas de Ballet. Houve um hiato trágico com a morte do meu pai. Em seguida, viemos morar em João Pessoa.

Voltei às práticas de dança, dessa vez dança contemporânea e retornei a Música cantando no coral da escola que frequentei. Já adulta, compartilhei poesias de tema livre sobre minhas angústias e inquietações do existir, questionando e pensando sempre sobre minha identidade, os acontecimentos e as experiências em minha vida. Participei também de trabalho audiovisual em música de forma colaborativa na direção, produção, edição e roteiro. Mais recentemente enveredei por práticas em narrativas poético-visuais envolvidas com aquilo que estou criando agora.

Fale sobre o seu processo criativo:

O que te inspira? Quais são as suas referências? Como ele acontece? Com quais materiais você já trabalhou e tem trabalhado agora?

Meu processo criativo é inspirado sobre o que nos faz humanos e como existimos neste planeta. A natureza e os seres, a infinitude do universo e o sobrenatural, explorando as complexidades inerentes ao ser e ao existir, incluindo dor, morte, luto, vida e contemplação. Minhas principais referências vêm da música, fotografia, pintura, cinema e literatura, especialmente no gênero de ficção científica, além das investigações no campo das ciências sociais, filosofia e psicanálise. A dinâmica do meu processo criativo nasce das minhas vivências pessoais. É através do meu estar, sentir e perceber o mundo em relação com todos os seres que surgem as questões sobre a condição humana e suas complexidades. Essas experiências impulsionam diálogos internos constantes entre minhas inquietações, questionamentos, percepções e desejos e o ambiente ao meu redor. Dessa forma, meu trabalho continua a evoluir, sempre em busca de uma compreensão mais profunda de nossa existência compartilhada. Já fiz experimentações, com argila e pintura, mas atualmente, a fotografia, o vídeo e a performance são as linguagens que mais utilizo.

MÔNICA RAMALHO

O que você percebe que foi transformado na sua trajetória artística até agora?

Minhas experiências de vida e seus desdobramentos continuam a influenciar meu processo criativo de maneiras profundas e sutis. Minha formação acadêmica, aliada à experiência como aluna especial no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV-UFPB/UFPE), desempenhou um papel crucial no amadurecimento da minha percepção sobre temas que permeiam meu trabalho. No entanto, a verdadeira expansão do meu processo criativo se deu através do contato e troca com outros artistas em oficinas e trabalhos colaborativos. Este intercâmbio de ideias e experiências foi fundamental para alargar minhas perspectivas e explorar novas abordagens na minha arte. Dentre essas colaborações, dois artistas em particular tiveram um impacto significativo no meu caminho: o artista visual paraibano Joel Veiga e o artista visual francês radicado na Paraíba, Serge Huot. Ambos se tornaram figuras de referência na minha vida artística, não apenas pelas contribuições técnicas e conceituais que trouxeram para o meu trabalho, mas também pelo laço de admiração e amizade que construímos. A convivência e colaboração com Joel Veiga e Serge Huot enriqueceram minha prática de maneiras que eu não poderia ter antecipado. A profundidade do nosso diálogo artístico e a generosidade com que compartilharam seus conhecimentos e experiências foram inestimáveis. Através dessa interação, aprendi a valorizar ainda mais a troca de saberes e as infinitas possibilidades para a criação artística.



NOBERTA DOIA

Nascida em João Pessoa, na Paraíba, em 1996, Noberta Doia aos 28 anos é uma artista visual emergente. Com apenas um ano de atuação na área, se destaca por sua sensibilidade ímpar e capacidade de traduzir em imagens as complexidades do ser humano, trabalhando através da ilustração digital e também com técnica mista de giz pastel oleoso e lápis aquarelável, sua trajetória artística é marcada pela sua primeira exposição coletiva em 2023, através da Plataforma Esquina Gráfica, a exposição "Águas Profundas Não São Claras" durante sua participação na residência artística (R)Existo, onde mergulhou na temática infância ao retratar a infância de pessoas neuro divergentes que só passaram pelo diagnóstico na fase adulta, também participou da exposição coletiva "Outros Carnavais" realizada junto a outros amigos PCDs durante o carnaval de 2024 em João Pessoa.

Como começou a sua trajetória artística?

Desde a infância, a arte sempre esteve presente em minha vida.

Aos 25, tive a oportunidade de participar da minha primeira exposição coletiva Pela Esquina Gráfica, em Blumenau. Foi um momento mágico, que marcou o início da minha jornada como artista.

Desde então, continuo explorando o mundo da arte, experimentei diferentes técnicas e estilos e hoje trabalho com giz pastel oleoso e ilustração digital em aquarela. Cada obra é uma nova história, uma nova maneira de me conectar com o mundo e com as pessoas.

Fale sobre o seu processo criativo:

O que te inspira? Quais são as suas referências? Como ele acontece? Com quais materiais você já trabalhou e tem trabalhado agora?

O meu processo criativo gira em torno das redes sociais, os artistas que sigo e me inspiro nas técnicas que usam para pintar, as técnicas que uso atualmente são giz Pastel oleoso e Aquarela Digital, me solto bastante na aquarela digital, também me propus a fazer a obra em uma única camada, sem uso de ferramentas para deixar o traço uniforme, para eu me aproximar o máximo do processo real com aquarela. Também me inspiro nas discussões sobre cultura e sociedade que acontecem pelo threads, pelo Instagram, como não saio muito de casa, lê seja comentários de Instagram, lê livro, notícias viram minha inspiração para criar minhas obras, eu sempre observo as interações das pessoas e o que elas querem transmitir com o que escrevem.



NOBERTA DOIA

O que você percebe que foi transformado na sua trajetória artística até agora?

Muita coisa, eu nunca fui uma pessoa confiante no meu trabalho, mas crítica, de um jeito não muito bom, achava que nunca estava bom, que não estava perfeito, isso acabou me afastando da arte por um tempo, aí comecei a estagiar no memorial Abelardo da Hora, fui conhecendo as obras do artista, o que ele queria transmitir, comecei a volta a desenhar dentro do memorial quando tinha um tempinho, entre uma mediação e outra, ou quando eu não estava fazendo catalogação das obras bibliográficas, meus colegas de trabalho começaram a me incentivar a mim inscrever em alguma exposição, foi quando me enviaram o projeto do esquina gráfica para uma exposição coletiva, foi a partir daí que voltei a tomar gosto pela arte, comecei a seguir artistas para mim inspirar, já que antes eu ficava comparando meu trabalho com estas pessoas e não me achava bom, então uma chave virou e comecei a me inspirar nestas pessoas, comecei a me aventurar no desenho digital, comecei a utilizar giz pastel oleoso, entrei na residência artística (R)Existo, me joguei nos desenhos sem esboço com o giz pastel oleoso, fui me aventurando nas ilustrações digitais e a cada dia mais, ganhando confiança no que faço, até chegar onde estou hoje.



RIEG RODIG

Rieg Rodig, também conhecido como riegulate, é um artista visual e músico nascido nos EUA, com raízes francesas e alemãs. Radicado no Brasil desde 2005, integra ativamente a cena cultural. Com formação em psicologia, sua expressão artística transcende música, programação, VJ e videoarte. Contribui criativamente em eventos imersivos, unindo luz, som, cenografia e videoarte gerado por código. Colabora frequentemente com dança contemporânea, artes visuais e música, tanto no Brasil como internacionalmente. Seu estilo distingue-se pela nostalgia, explorando elementos como VHS, TVs de tubo e glitches analógicos, além de evocar a estética da "antiga internet" dos anos 2000.



Como começou a sua trajetória artística?

Desde que cheguei em 2005 atuo como agente cultural em João Pessoa, inicialmente na música com as bandas Star 61 (glam-rock), Madalena Moog (samba-rock) e depois a minha banda Rieg (triphop / rock eletrônico) que chegou a lançar um álbum visual (um longa-metragem de colagens visuais com narrativa ficcional que dialoga com as composições musicais) e um jogo point-and-click para dispositivos móveis Android em que fiz parte das artes, animações e roteiro, além das músicas. Os shows eram sempre realizados com aspecto visual, utilizando videomapping and colagens audiovisuais.

No decorrer do tempo, comecei a realizar trabalhos para outras bandas, seja como video-artista, editor ou VJ. Isso me fez querer aprender cada vez mais sobre arte-tecnologia, estudando programas como TouchDesigner e Resolume, e linguagens de programação como Python. Isso abriu uma porta grande para instalações imersivas, criando obras virtuais que interagem com o espectador. Em 2023 realizei a minha primeira exposição oficial como artista visual na exposição coletiva "Natureza vs Natureza Imaginada" realizada pela secretaria de cultura do estado e funesc. Agora, em 2024, estou matriculado como aluno especial no programa de mestrado de artes visuais na UFPB.

RIEG RODIG

Fale sobre o seu processo criativo:

O que te inspira? Quais são as suas referências? Como ele acontece? Com quais materiais você já trabalhou e tem trabalhado agora?

Estou profundamente inspirado pela interseção entre o antigo e o moderno, e como essas duas esferas podem dialogar e se complementar. Temas como a temporalidade, a identidade, e a memória são recorrentes em meu trabalho, buscando sempre provocar uma reflexão profunda no público. Tradição x Inovação. Eu amo, adoro e me inspiro muito em Nam June Paik, pioneiro na arte com vídeo e televisão, e Bill Viola, conhecido por suas instalações de vídeo que exploram questões humanas universais.

Ao longo da minha carreira, já trabalhei com uma variedade de materiais e tecnologias. Equipamentos analógicos como televisores CRT, VHS e câmeras analógicas para criar efeitos de glitch e nostalgia. Tecnologias Digitais, utilizando softwares como TouchDesigner e Resolume para criar visuais generativos e interativos, integrando elementos de inteligência artificial e algoritmos. Instrumentos musicais como sintetizadores analógicos e digitais, samplers e outros equipamentos eletrônicos para criar trilhas sonoras e ambientes sonoros que complementam as imagens.

Atualmente, estou focado em explorar ainda mais a combinação de técnicas analógicas e digitais, buscando novas maneiras de integrar tecnologia e arte tradicional. Meu objetivo é continuar evoluindo como artista, criando obras que desafiem as percepções e envolvam o público em uma experiência imersiva e reflexiva.

O que você percebe que foi transformado na sua trajetória artística até agora?

Ao longo da minha trajetória artística, muitas transformações significativas moldaram minha identidade como VJ e artista visual. Me formei em psicologia, estudei programação e toquei com várias bandas locais, incorporando videomapping nos shows da banda Rieg. Desenvolvi uma sensibilidade artística mais profunda, focando mais na sensação do que na técnica, com temas como temporalidade, identidade e memória se tornando centrais em minhas criações. Trabalhei de forma independente, criando visuais para minhas próprias performances e projetos, mas com o tempo, minha rede de contatos cresceu e comecei a colaborar com músicos, poetas e outros artistas, enriquecendo meus projetos com diversas perspectivas e habilidades. Entre as colaborações notáveis estão aquelas com Mark de Clive-Lowe, Chico Correa, Maga Bo, Moe Clark, banda-forra, Filosofino, Orijah e Parahyba Ska Jazz. Agora, quero explorar cada vez mais o conceito de instalação imersiva, criando experiências que envolvam o público de maneira completa e transformadora, ampliando minha visão artística e meu impacto no cenário cultural.

WALTER WAGNER

Nascido em 1964 em João Pessoa, Paraíba, o artista plástico iniciou seus estudos na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) na década de 1980, onde se interessou pela gravura em metal. Durante seis anos, frequentou o ateliê de gravura em metal da UFPB, e também utilizava o ateliê do Núcleo de Arte Contemporânea da universidade para suas pinturas.

Nos anos 1990, mudou-se para São Paulo, onde participou de exposições e passou a frequentar o ateliê de gravura do Museu Lasar Segall, aprimorando sua técnica de gravura de 1992 a 2003. Suas obras estão presentes em coleções do SESC São Paulo, da Prefeitura de João Pessoa, da Galeria Unama em Belém, do Schloss Almoshof em Nuernberg (Alemanha), e em coleções privadas no Brasil, Alemanha, França, Nova Iorque e Itália.

O artista já expôs em várias cidades do Brasil e no exterior, incluindo Estados Unidos, México, Canadá, Alemanha e Polônia. Recebeu diversos prêmios ao longo de sua carreira, como o 7º Salão de Arte Contemporânea de São Bernardo do Campo (1998), o Salão de Pequenos Formatos da Galeria Unama em Belém (1998) e a IX Bienal Ibero Americana de Dibujo y Estampa no México (1994).



CORRIGRAFIA

CORRIGRAFIA



**DA
& CURADORIA
EXPOGRAFIA**

GRAFANDO O CORPO

O processo curatorial se iniciou ainda durante as aulas quando houve a decisão coletiva de planejar e executar uma exposição como trabalho de avaliação e conclusão da disciplina de Arte, Práticas Curatoriais e Acervos oferecida pelo Projeto de Pós Graduação em Artes Visuais. Decidiu-se por uma curadoria coletiva onde a opinião de todos/todas/todes fosse levada em consideração, seguindo os métodos propostos por artigos na revista TOMARA! Educação e Cultura (2020).

Como grande parte dos discentes possuíam desenvolvimentos de produções artísticas na área de poética, além de serem alunos/as/es especiais que estavam cogitando adentrar na pós graduação, propôs-se a inclusão destes trabalhos, em diálogo com peças de acervo que se encontram salvaguardadas na Pinacoteca da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Discutiu-se então como poderia se estabelecer um diálogo entre estes acervos individuais somados às obras de outros artistas locais.

Percebeu-se uma unidade temática que permeia o trabalho dos alunos/as/es em relação a seus corpos e suas vivências, em sua maioria apresentados de maneira oposta aos padrões de beleza e existência hegemônicos que são tradicional e amplamente celebrados. Os corpos transviados, assim como proposto por ALTIMAYER (2020), foram, então colocados em destaque, o que levou a escolha do tema para a exposição.

Após a decisão da temática a ser explorada, as/os alunos/as/es receberam um período de duas semanas para elaboração das obras que seriam utilizadas na exposição, caso inéditas, bem como para o planejamento expográfico das mesmas.

Houve então a escolha de uma galeria para a realização da exposição. Inicialmente foi cogitado o Museu Casa de Cultura Hermano José, solicitado-se a sala para exposições temporárias da instituição. Contudo, devido a agenda indisponível, a exposição poderia apenas ser realizada muito além da data de encerramento da disciplina, e portanto não poderia ser ocupada até a data de finalização do curso. Deste modo, optou-se pela realização da montagem na Galeria Lavandeira, que foi utilizada como laboratório experimental e de avaliação dos resultados da curadoria compartilhada.

Durante a elaboração da exposição, levou-se em consideração ambos os espaços expositivos a serem utilizados e portanto foi decidido que seria utilizado um menor número de obras, priorizando os trabalhos dos alunos/as/es da disciplina.

Uma visita foi realizada no acervo e reserva técnica da Pinacoteca, para a escolha dos/as artistas e obras que dialogassem com a produção poética dos/as alunos/as. Esta visita também serviu para colocar em destaque o processo curatorial e práticas e políticas de preservação dos acervos realizado no âmbito da UFPB pelo departamento de Artes Visuais. Foram selecionadas obras de Chico Dantas, Cybele Dantas e Walter Wagner, bem como uma produção de Aurora Caballero, que era concomitantemente aluna do curso e possuía uma obra já presente no acervo.

Selecionadas as obras, e passado o período de fatura dos trabalhos a serem apresentados pelos discentes, deu-se então o processo de elaboração da exposição. Os alunos/as/es reunidos em sala de aula discutiram conceitos e nomenclaturas que aglutinassem as temáticas propostas a partir das obras criadas e selecionadas, com base no repertório conceitual que foi apresentado ao longo das aulas.

O processo de escolha de nomenclatura da exposição culminou na escolha do título "Corpo-grafia", termo que engloba, de maneira significativa e sucinta, o cerne dos diálogos das obras apresentadas na exposição. Este processo também orientou a elaboração do conceito da identidade visual do projeto, que permeou os processos de marketing para a divulgação do evento, bem como a elaboração deste catálogo que sintetiza e documenta nossa trajetória curatorial e expográfica.

A elaboração desta identidade visual resultou na escolha de uma paleta de cores, bem como na elaboração de artes e elementos visuais que dialogassem com as obras e temas discutidos em sala. Esta paleta também foi utilizada na elaboração deste catálogo.

Também foram propostos pontos de discussão e um brainstorm de palavras para subsidiar a escrita do texto curatorial, que apresentasse aos espectadores os objetivos e contexto de realização da exposição organizada pelos/as alunos/as/es.



Após a visita técnica aos espaços expositivos percebeu-se que a obra de Walter Wagner possuía dimensões que não permitiriam a mesma fosse exposta da maneira tradicional, optando-se pela apresentação do díptico lado a lado, evidenciando o verso de uma das pinturas do conjunto, apresentando-a em uma configuração diferente da original.

Seguindo uma sugestão do Dr. Gabriel Bechara Filho (coordenador da Pinacoteca da UFPB), o quadro que originalmente seria colocado na parte inferior foi colocado de modo a exibir seu verso, apresentando esboços que dialogam com a parte frontal do quadro superior do conjunto.

Os/as discentes se responsabilizaram pelo manejo, embalagem e preparo das peças para a atividade expositiva, se deslocando até a reserva técnica da Pinacoteca da UFPB para o preparo e embalagem das obras previamente selecionadas. Também foram registradas em fotos as condições das peças de acervo antes das mesmas serem deslocadas, para garantir a segurança, salvaguarda e a integridade das obras, procedendo ao manejo apropriado das mesmas, destinadas à exposição em evidência.

Também foram utilizadas molduras disponibilizadas pela Pinacoteca da UFPB para a exposição de algumas obras dos alunos/as/es.



O processo de montagem da exposição ocorreu na mesma semana da abertura, num período total de três dias de intenso trabalho colaborativo, contando com a presença dos/as discentes e dos/as docentes da disciplina. Durante o processo de montagem, incluiu-se a tarefa de preparação da infraestrutura local para recepção das obras.

Destaca-se que, neste período, foi constatado que algumas das obras dos alunos/as/es necessitavam de ajustes finais, por se tratarem de instalações mais complexas. As ferramentas e materiais de trabalho foram providenciados pela Pinacoteca, autores/s das obras artísticas e professores. A impressão dos adesivos do pôster, texto curatorial, créditos e fichas catalográficas das obras foi realizada às vésperas da *vernissage* e abertura do evento, sendo custeadas pelos/as próprios/as participantes da atividade.

Para o evento de abertura, foi preparado um *coffee break*, também financiado com contribuições dos alunos/as/es e professores da disciplina, bem como a discotecagem de Rieg Rodig, em diálogo com as obras de arte digital, confeccionadas pelo artista, especialmente para essa exposição.

Durante o período em cartaz, realizamos uma roda de conversa com a presença dos alunos/as/es participantes, evidenciando a discussão das temáticas trilhadas ao longo da disciplina, bem como a abordagem de como se deu o processo de desenvolvimento da obras e curadoria da exposição, seus desafios, potencialidades e reverberações envolvidos na formação em práticas curatoriais e acervos, que foi o horizonte geral do curso.

Lucas Figuerêdo
Noberta Doia
Yuri Schönardie Rapkiewicz



DA CURADORIA e EXPOGRAFIA





**DA CURADORIA
e EXPOGRAFIA**

CORPOGRAFIA



**DOS
CURADORES**

Prof. Dr. EDSON MACALINI

Artista e Professor. Doutor em Artes Visuais na linha de Processos Artísticos Contemporâneos pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC/PPGAV. Mestre em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC/PPGAV - 2014. Graduado em Licenciatura em Artes Visuais pela Faculdade de Artes do Paraná - FAP/UNESPAR - 2010. Atualmente atua como docente/investigador no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE e no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF/CARTES nas disciplinas de Desenhos Artísticos. Possui experiências como professor no ensino de artes visuais e nos processos artísticos contemporâneos, com as seguintes produções e pesquisas: Poéticas do Desenho e Gravura, Múltiplos, Procedimentos de criação artística, Publicações Independentes e de artistas, Livro de Artistas, Escritas de Artista, Fotografias e Instalações.

<https://orcid.org/0000-0002-9156-2337>



Prof. Dr. ROBSON XAVIER

Docente do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE) e ex-docente do Programa de Computação, Comunicação e Arte (PPGCCA UFPB) e Assessor de Pós-Graduação do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA - 2021 - atual), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente Associado I do Departamento de Artes Visuais, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ex-Coordenador da Galeria de Arte Lavandeira (CCTA UFPB - 2022 - 2023) e Ex-Coordenador da Pinacoteca da UFPB (2015-2017). Pós Doutor pelo PGEHA MAC/USP (2017); Doutor em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFRN - 2014), Ex-bolsista de mobilidade sanduíche pelo Programa Erasmus Mundus 17 da União Europeia, pelo doutoramento do Programa de Pós-Graduação em Arquitectura da Universidade do Minho, Campus de Azurém, Guimarães, Portugal (período: setembro de 2010 a setembro de 2012). Ex-bolsista de Mobilidade de Professores Brasileiros da Fundación Carolina, Universidad de Granada, España (DEZ 2014 até FEV 2015); Mestre em História (PPGH UFPB - 2007). Especialista em Educação e Tecnologia da Informação e Comunicação (CE/UFPB - 2005), Sociologia (UFPB/CEFET - 1997) e Desenvolvimento Infantil e seus Desvios (Educação Especial - CE/UFPB - 1995), com formação em Arteterapia pela Clínica Pomar do Rio de Janeiro (2004). Licenciado em Educação Artística - Artes Plásticas (UFPB - 1993). Membro do Conselho Curatorial do Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM - Recife PE). Membro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - ANPAP (Presidente - Gestão 2021-2022 - Vice-Presidente Gestão 2023-2024); membro da Internacional Association of Art Critics (AICA); membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA).

Criador e Coordenador do Laboratório de Artes Visuais Aplicadas e Integrativas (LAVAI) CCTA/UFPB; Criador e Líder do Grupo de Pesquisa em Arte, Museus e Inclusão (AMI) credenciado ao CNPq; Membro do Grupo Interdisciplinar de Estudos Sobre o Imaginário da UFPE. Sócio fundador da Associação de Arteterapia da Paraíba - AAPB (Presidente gestão 2018-2020 - Vice-Presidente gestão 2021-2022), Vinculada a União Brasileira de Associações de Arteterapia (UBAAT) . Atua na área de Artes Visuais e Arte Contemporânea, com ênfase em: Curadorias, História das Exposições e Educação em Artes Visuais, pesquisando os seguintes temas: Artes Visuais, Arte Contemporânea, Arquiteturas da Arte, Curadorias, História das Exposições, Estudos de Públicos em Museus, Educação em Artes Visuais e Acessibilidade Cultural.

<http://robsonxis.wixsite.com/art-portfolio>



Prof^a. Dr^a. TERESINHA VILELA



Pós-Doutorado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Doutora em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Especialização em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Educação Artística com habilitação em História da Arte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora de Artes aposentada da Rede Municipal de Duque de Caxias (RJ). Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE). Segunda Tesoureira da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, ANPAP, Brasil. Acadêmica Fundadora Tutora da Academia Estudantil Cabedelense Infante Juvenil de Artes e Letras Litorânea (AECIJAL). Atuando como professora/pesquisadora, principalmente nos seguintes temas: ensino de artes, imagem, audiovisual, escola pública, Escolinha de Arte do Recife, espaços expositivos, mediação cultural, acessibilidade cultural e cultura visual.

ADRIANA MATTE

Adriana Matte nasceu em 1970 na cidade de São Leopoldo/RS, cursou Pedagogia na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos e trabalhou na rede municipal de ensino de Novo Hamburgo/RS de 1989 a 2020. Atualmente, mora em João Pessoa/PB e participa como discente especial/temporária do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGAV UFPB/UFPE.



ARIANA ATANAZIO



Ariana Atanzio é artista visual, diretora de arte, arte educadora e ambientalista. Bacharela em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba. Seus interesses de pesquisa envolvem decolonialidade, ancestralidade, agroecologia, relações interpessoais, espiritualidade e usar a arte como um instrumento de autoconhecimento e transformação socioambiental.

INARA MARCHI

Inara Marchi é multi-artista, graduada pela UFSJ em artes aplicadas com ênfase em cerâmica, mestranda pelo PPGAV- UFPE e trabalhando atualmente na área do design gráfico como freelancer. Natural de Ribeirão Preto-SP, vive e trabalha em João Pessoa-PB.

Tem como pesquisa artística a busca pela valorização dos processos artesanais no circuito de arte contemporânea, mesclando técnicas manuais e digitais e investigando as possibilidades de interação a partir do trânsito do corpo entre objetos-espaco-imagem, objetos-contexto-imagem e objetos- indivíduos-imagem. Em seu processo busca dialogar com a infância, a natureza e as noções do tempo, trabalhando principalmente a ludicidade e a brincadeira nos desdobramentos de suas obras.



LUCAS FIGUERÊDO

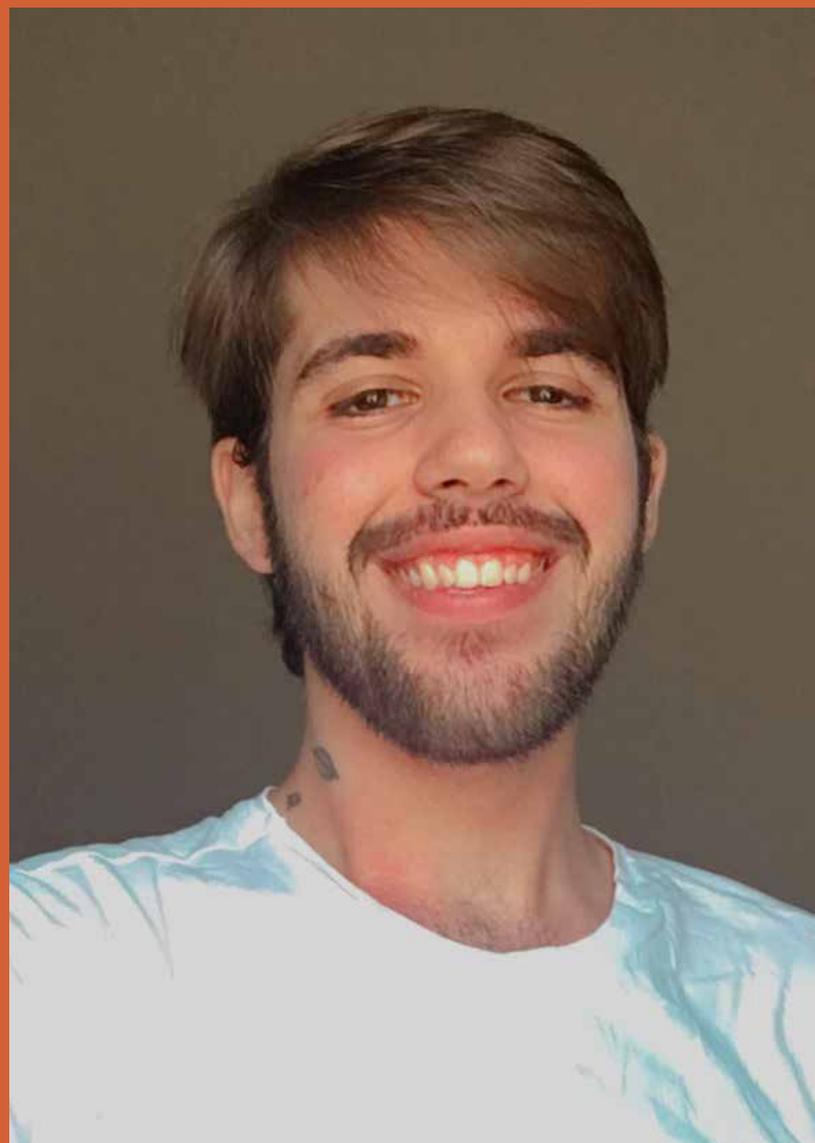


Lucas Figuerêdo é um Designer Gráfico, Game Designer e Artista Freelancer nascido na cidade de João Pessoa - PB, no ano de 1996. Bacharel em Design pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tendo participado de Monitorias e Projetos de Pesquisa na área de História da Arte. (2016-2017)

Trabalhou por um ano como voluntário no Museu de Artesanato Paraibano Janete Costa, foco de sua pesquisa com aporte à acessibilidade e Museologia., tema que também foi abordado em seu trabalho de conclusão de curso durante seu Bacharelado em Design. Atualmente participo como discente especial no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade Federal da Paraíba. (UFPB)

MAYCON ALBUQUERQUE

Maycon Albuquerque (1997, João Pessoa- PB), Artista Visual, Curador, Pesquisador, mestrando pela Universidade Federal da Pernambuco. Sua pesquisa é em processos teóricos e histórico em artes visuais, na área de historia da arte na Paraíba com foco no artista Hermano José. Tem experiência com Historia da Arte Paraibana, fruto de seu estagio (2017-2019) na Pinacoteca UFPB, Sala Acervo Hermano José e também experiências nas Galerias Lavadeira(UFPB) e Archidy Picado(FUNESC); Premiado nos editais Arte em toda Parte-FUNARTE, Amelinha Theorga, Cultura na Web-Secult/PB, XVII Salão Municipal de Artes Plásticas-SAMAP funjope/PB e EXPOSESC - Sesc/PB. Vive e trabalha em João Pessoa



RENATA LIMA



Mestra em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE e graduada em Ciências Sociais (Bacharel) pela Universidade Federal da Paraíba (2020). Atua profissionalmente como Coordenadora de Pesquisa no Memorial Abelardo da Hora e como curadora independente. Membro do Grupo de Pesquisa em Arte, Museus Inclusão (AMI) e dos Projetos de Pesquisa: Arte, História e Museologia: aproximações poéticas e inquietações estéticas e Mulheres Artistas na Paraíba. Foi curadora adjunta da VI Bienal do Sertão de Artes Visuais. Sua pesquisa transita nas áreas de Artes Visuais, História das Exposições, Curadoria, Museus, Memória e Identidade

YURI S. RAPKIEWICZ

Natural de Porto Alegre (1991), é antropólogo, educador, produtor cultural e curador independente. Atualmente reside em João Pessoa - PB e é doutorando (bolsista FAPESQ) em Antropologia (PPGA/UFPB). Foi professor substituto no Campus IV da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e no Departamento de Ciências da Saúde no Campus Caxias, Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Possui bacharelado em Ciências Sociais (2014) e mestrado em Antropologia Social (2018), ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS. Coordenou o projeto "Inventários fotográficos e preservação digital de coleções antropológicas na Paraíba e no Rio Grande do Sul" contemplado na Bolsa Funarte de Estímulo à Conservação Fotográfica Solange Zúñiga (2020-2021). Atuou também como Analista (antropólogo) do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais IEPHA/MG, operando nos projetos de reparação e compensação relacionados à preservação e salvaguarda do patrimônio cultural, executados em decorrência do rompimento da Barragem de Córrego do Feijão, em Brumadinho - MG. Foi coordenador do projeto cultural Interfaces Arquipélago: memórias, narrativas e museus realizado em Porto Alegre - RS, entre 2015 e 2020. É pesquisador do grupo de pesquisa Antropologia Visual, Artes, Etnografias e Documentários AVAEDOC/UFPB). Tem interesse e experiência nos seguintes temas: Antropologia Visual e da Imagem, Preservação Digital de Coleções Etnográficas, Exposições etnográficas, Restituição e Patrimônio Cultural.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS - PPGAV UFPB/UFPE

GALERIA LAVANDEIRA

Coordenador
Daniel da Hora

PINACOTECA DA UFPB

Coordenador
Gabriel Bechara Filho

PROFESSORES RESPONSÁVEIS

Prof. Dr. Edson Macalini
Prof. Dr. Robson Xavier
Prof^a. Dr^a. Teresinha Vilela

EXPOSIÇÃO CORPO-GRAFIA

ARTISTAS

Aurora Caballero
Chico Dantas
Cybele Dantas
Dayana Leal
Luana Cruz
Mônica Ramalho
Noberta Doia
Rieg Rodig
Walter Wagner

CURADORIA E MONTAGEM

Adriana Matte
Ariana Atanazio
Aurora Caballero
Dayana Leal
Inara Marchi
Luana Cruz
Lucas Figuerêdo
Maycon Albuquerque
Mônica Ramalho
Noberta Doia
Renata Lima
Rieg Rodig
Yuri S. Rapkiewicz

TEXTO CURATORIAL

Maycon Albuquerque
Renata Lima
Yuri S. Rapkiewicz

ENTREVISTAS

Adriana Matte
Mônica Ramalho

IDENTIDADE VISUAL

Inara Marchi
Lucas Figuerêdo

CATERING

Adriana Matte
Ariana Atanazio
Aurora Caballero
Dayana Leal
Inara Marchi
Luana Cruz
Lucas Figuerêdo
Maycon Albuquerque
Mônica Ramalho
Noberta Doia
Renata Lima
Rieg Rodig
Yuri S. Rapkiewicz

CATÁLOGO

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Matte
Dayana Leal
Luana Cruz
Lucas Figuerêdo
Mônica Ramalho
Noberta Doia
Rieg Rodig
Yuri S. Rapkiewicz

TEXTOS

Lucas Figuerêdo
Maycon Albuquerque
Mônica Ramalho
Noberta Doia
Renata Lima
Yuri S. Rapkiewicz

VERBETES

Adriana Matte
Mônica Ramalho

PROJETO GRÁFICO

Inara Marchi
Lucas Figuerêdo

FOTOGRAFIAS

Adriana Matte
Ariana Atanazio
Aurora Caballero
Dayana Leal
Prof. Dr. Edson Macalini
Inara Marchi
Luana Cruz
Lucas Figuerêdo
Maycon Albuquerque
Mônica Ramalho
Noberta Doia
Renata Lima
Rieg Rodig
Prof. Dr. Robson Xavier
Prof^a. Dr^a. Teresinha Vilela
Yuri S. Rapkiewicz

REVISÃO

Lucas Figuerêdo
Yuri S. Rapkiewicz



PPGAV

PROGRAMA ASSOCIADO
DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARTES VISUAIS UFPB/UFPE

galeria



REFERÊNCIAS

- AIRA, César. **Pequeno manual de procedimentos**. Curitiba: Arte & Letra, 2007.
- ALTIMAYER, Guilherme. **Notas para uma curadoria transviada**. In: Poiésis, Niterói, v. 21, n. 35, p. 17-34, jan./jun. 2020.
- BARBOSA, Ana Mae. **Educação em Museus: termos que revelam preconceitos**. In: Diálogos entre arte e público, p. 28-32, 2008.
- BORDINHÃO, Katia; VALENTE, Lúcia e SIMÃO, Maristela dos Santos (Orgs.). **Caminhos da memória: para fazer uma exposição**. Brasília DF: IBRAM, 2017.
- BULHÕES, Maria Amélia et.al. (Org.). **As novas regras do jogo: o sistema de arte no Brasil**. Porto Alegre: Zouk, 2014.
- CARVALHO, Ananda. **Redes Curatoriais: procedimentos comunicacionais no sistema de arte contemporânea**. Tese de doutorado em Comunicação e Semiótica. São Paulo SP: PUC, 2014.
- CHIODETTO, Eder. **Curadoria em fotografia: da curadoria à exposição**. São Paulo: Prata Design, 2013.
- CYPRIANO, F.; OLIVEIRA, M. M. **Histórias das exposições**. Casos exemplares. São Paulo: EDUC, 2017.
- DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DINIZ, Giovane; FIGUEIREDO LAGE, Celina. **Curadoria Educativa e Mediação Cultural em Exposições de Artes Visuais** (Dossiê: A História da Arte e das Artes Plásticas nas narrativas sobre curadorias e exposições). Linguagens nas artes, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 29-38, 2021.
- DOSSIN, Francielly Rocha. **Exposições como problema de pesquisa**. In: Revista ciclos. Vol. 01, nº 02, ano 01, fev. 2014.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 1969.
- GUASCH, Ana Maria M. **Os lugares da memória: a arte de arquivar e recordar**. Revista-Valise, v. 3, n. 5, p. 237-264, 2013.
- MAGALDI, Monique B.A. **Documentação sobre exposições em museus de arte: a musealização dos processos, a história da exposição e a museografia**. Tese de Doutorado em Ciência da Informação. Brasília: UnB, 2017.
- OBRIST, Hans Ulrich. **Uma breve história da curadoria**. São Paulo: Bei Editora, 2010.
- PITOL, André Luis Castilho. **A curadoria diante do digital: processo curatorial como prática artística em três projetos do Leste Europeu (East Art Map, Bosnia and Herzegovina Art Map e Invisible Matter - East Art Map)**. 2023. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.
- RAMOS, Alexandre Dias (Org.). **Sobre o ofício do curador**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2010.
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998. 168p.
- TOMARA! Educação e Cultura. **Modos mais compartilhados de fazer curadoria: concepções e experiências práticas de curadoria compartilhada**. São Paulo: Tomara! Educação e Cultura, 2020.

CORPO
GRAFIA

CORPO
GRAFIA

CORPO GRAFIA

